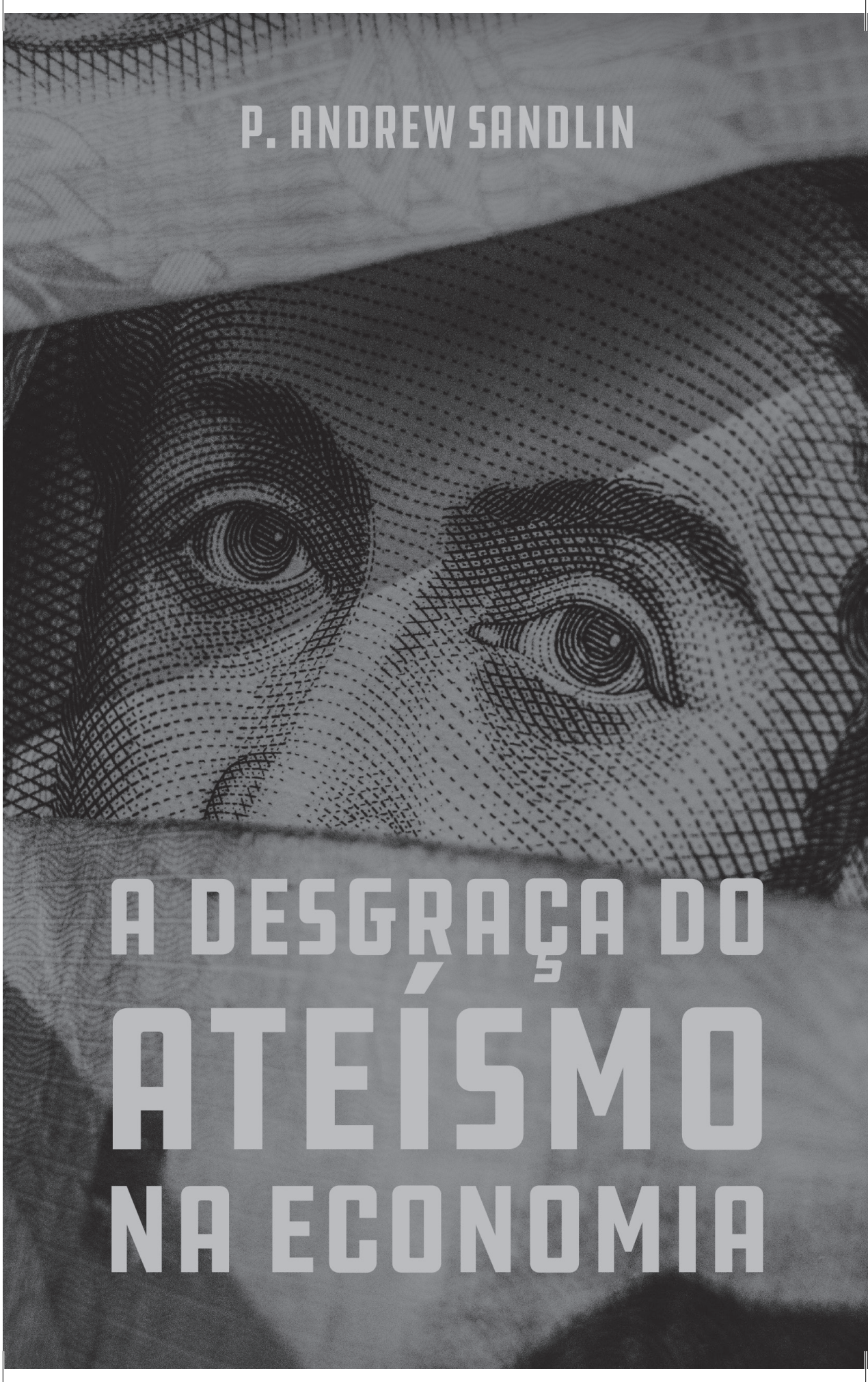




P. ANDREW SANDLIN

**A DESGRAÇA DO  
ATEÍSMO  
NA ECONOMIA**



P. ANDREW SANDLIN

**A DESGRAÇA DO  
ATEÍSMO  
NA ECONOMIA**



**EDITORIA  
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2018 de Editora Monergismo

Títulos dos artigos originais:

*Economic Atheism, Libertarian Marxism, Theological Roots of the Financial Crisis, Theological Presuppositions of Political Liberalism e Christianity and Capitalism.*

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por*

EDITORA MONERGISMO

SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 – Ed. Salvador Aversa

Brasília, DF, Brasil – CEP 71.200-040

www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2018

Tradução: *Felipe Sabino de Araújo Neto e Leonardo Galdino*

Revisão: *Fabício Tavares de Moraes e Márcio Sobrinho*

Capa: *Felipe Schulz*

Projeto gráfico: *Marcos Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,  
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da  
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),  
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sandlin, P. Andrew

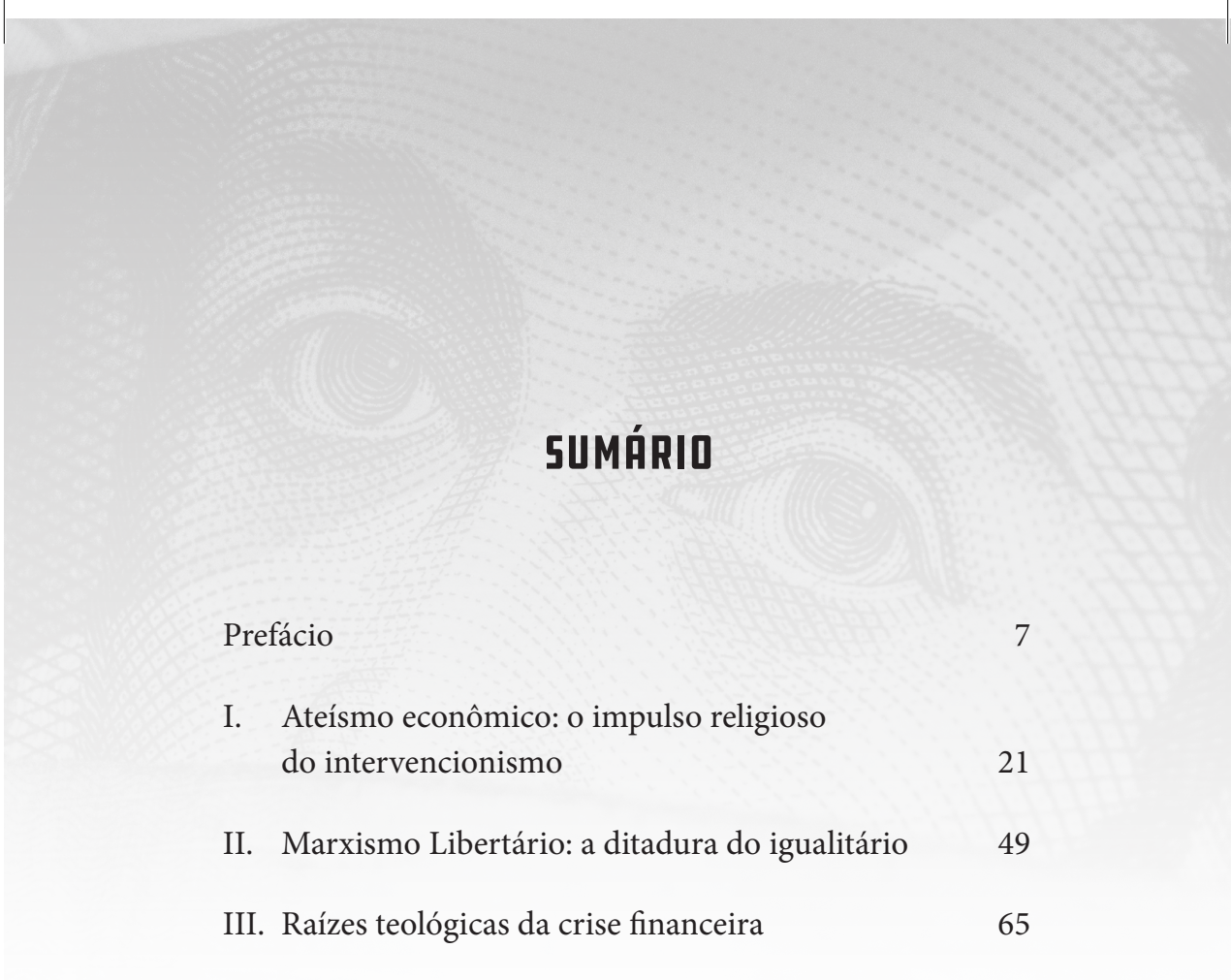
A desgraça do ateísmo na economia / P. Andrew Sandlin,  
tradução Felipe Sabino de Araújo Neto e Leonardo Galdino  
– Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

124 p.; 21cm.

ISBN 978-85-69980-51-3

1. Economia 2. Marxismo 3. Cristianismo I. Título

CDD: 261



## SUMÁRIO

|                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| Prefácio                                                      | 7   |
| I. Ateísmo econômico: o impulso religioso do intervencionismo | 21  |
| II. Marxismo Libertário: a ditadura do igualitário            | 49  |
| III. Raízes teológicas da crise financeira                    | 65  |
| IV. As pressuposições teológicas do esquerdismo político      | 89  |
| Apêndice 1: Cristianismo e capitalismo                        | 113 |



## PREFÁCIO

Russell Kirk afirmava enfaticamente que “a ideologia é a doença, não a cura. Todas as ideologias, incluindo a ideologia da *vox populi vox Dei*, são hostis à permanência da ordem, da liberdade e da justiça. A ideologia é a política da irracionalidade apaixonada”<sup>1</sup>

Ademais, conforme demonstrado pelos trabalhos de filósofos reformacionais e teonomistas desde Dooyeweerd e Rushdoony, respectivamente, toda ideologia é necessariamente uma doutrina soteriológica e, de igual modo, um reducionismo agressivo da diversidade da ordem da criação.

Ora, todo cristão percebe que a graça de Deus é multiforme, pois sempre manifesta-se na riqueza do cânone bíblico, que é constituído de uma abundância de gêneros e formas literários e das mais diversas experiências do homem em sua caminhada com Deus; na irredutibilidade das diversas esferas de soberanias e âmbitos da criação, tanto em seus aspectos materiais quanto imateriais; na multiplicidade de povos e etnias, que não obstante foram criados a partir de um só sangue (Atos 17.26); e, por fim, na copiosa distribuição de dons distintos a todos os membros da igreja, visando a edificação do Corpo de Cristo.

---

<sup>1</sup> *A política da prudência*. Tradução Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 98.

Desse modo, o impulso salvífico de toda ideologia pressupõe necessariamente uma queda *estrutural* e uma redenção *imane*nte. Dito de outro modo, ao passo que o cristianismo advoga a Queda como uma revolta ou insubmissão ética<sup>2</sup> do homem em relação ao seu Criador, e não algo inerente à natureza da criação, a ideologia, por sua vez, crê que a origem do mal neste mundo encontra-se em alguma instituição (*e.g.* o Estado, para os anarcocapitalistas) ou estrutura (*e.g.* o patriarcado, segundo o feminismo). Ainda seguindo o raciocínio, o cristianismo afirma que a redenção advém *necessariamente* de Deus, isto é, trata-se de uma ação transcendental, encontrando-se, portanto, fora do alcance humano; já a ideologia, em razão de sua crença de que o mal é inerente à criação, supõe, por conseguinte, que a redenção está ao alcance das mãos dos homens e que o universo é matéria plástica para seus sonhos e projeções.<sup>3</sup>

À vista disso, temos conosco, nestes breves ensaios de Andrew P. Sandlin, ideias vigorosas acerca da mais recente paixão humana — a ideologia. Ou, mais precisamente, a mais inflamada religião da modernidade: um culto gnóstico que reduz a riqueza da ordem criacional a um monismo abstracionista que funde e subordina toda a realidade a um princípio imane

---

2 Isto significa que a queda não é de caráter metafísico, conforme apregoadado por algumas perspectivas religiosas, especialmente aquelas influenciadas pelo espiritualismo oriental, que veem a origem do mal na finitude mesma do homem, em contraposição à infinitude da divindade.

3 Kenneth Minogue, em sua obra *Alien Powers: The Pure Theory of Ideology*, define ideologia como toda “doutrina que apresente uma verdade oculta e salvífica em relação aos males do mundo em forma de análise social”.

que ingenuamente concebemos como compatíveis à fé cristã, mas também alertando-nos dos perigos que espreitam todo pensamento humano que se estriba em outro fundamento que não a revelação.

\*\*\*

Nos ensaios “O ateísmo econômico” e “Raízes teológicas da crise financeira”, Sandlin segue a linha de um Rushdoony e de um Gary North, mostrando como a economia, ao contrário do que pensam tanto socialistas quanto liberais, é também governada pela lei de Deus, estando, pois, subordinada à ética bíblica. E não somente isto, afinal, todo pensamento econômico que não leve em conta a providência divina invariavelmente torna-se imanentista, julgando que toda a riqueza é fruto *apenas* do trabalho humano, e não também (e principalmente) da graça divina (cf. Salmo 127).

O autor, partindo do pressuposto bíblico de que a religião (o impulso a uma origem suprema que fornece o sentido para todas as coisas) determina a totalidade da ação humana, elenca três tópicos — “providência”, “natureza humana” e “riqueza” — que influenciam a visão econômica do progressismo e mesmo de pessoas que inconscientemente são por ele influenciadas.

De fato, se Deus veste gloriosamente a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a nós, homens de pequena fé? Assim, os intervencionistas creem que o Estado, e não Deus, é o agente que provê nossas necessidades desde o nascimento até a morte.<sup>4</sup> Nas palavras de Sandlin:

---

4 E talvez neste ponto o evolucionismo se mostra mais entranhado mesmo na cosmovisão de alguns cristãos, visto que a imagem de uma natureza enquanto arena de sangrenta luta predatória é ainda prevalente. A Bíblia,

## Prefácio

Para a maioria dos intervencionistas, portanto, o Estado equivale à *providência secular*. A política ocupa o papel da providência ocupada por Deus no impulso do adorador do Criador. Os intervencionistas perderam a fé em Deus, ou pelo menos no Deus ativo e cuidadoso em relação ao mundo. Portanto, eles colocam sua esperança e sonhos de justiça econômica no Estado.<sup>5</sup>

Quanto à natureza humana, o progressismo é uma espécie de pelagianismo político — uma crença na bondade intrínseca do homem ou, mais comumente, no aperfeiçoamento humano mediante mudanças estruturais. Como John Passimore demonstrou em seu livro *A perfectibilidade do homem*,<sup>6</sup> ao longo da história, as principais correntes do pensamento apresentam, de maneira geral, três modos para o *aperfeiçoamento* do homem: a perfeição técnica, fundamentada na destreza e domínio de um ofício ou práxis; a perfeição obedecente, que engloba a anterior, mas fazendo desta apenas um meio para um fim, a saber, a obediência e submissão à vontade divina (a visão cristã); e, por fim, a perfeição teleológica (a visão clássica, mais especificamente aristotélica), que crê na *eudemonia* (a felicidade) como o fim ao qual o homem deve dirigir-se por meio da virtude. Como é evidente e atestado por Passimore, a modernidade testemunha a prevalência, quando não a exclusividade, da primeira acepção da perfeição.

Assim, o homem é a massa ou argila do homem, moldado e criado segundo a imagem e semelhança do Estado. Nos dizeres de Sandlin, “quando o homem perde a esperança na

---

porém, demonstra o cuidado de Deus sobre todos os âmbitos de sua criação (cf. Jó 39-39).

5 P. 29.

6 *A perfectibilidade do homem*. Tradução Jesualdo Correia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

santificação espiritual, ele passa a esperar pela perfectibilidade humana. Do mesmo modo que o intervencionismo é uma forma de providência secular, também *a engenharia social é uma maneira de santificação secular*”.<sup>7</sup> E, por sua vez, “o Estado é o grande santificador. Ele limitará ou criminalizará essas ações injuriosas. Será bem-sucedido onde falhamos. A natureza humana foi poluída. Mas o Estado a aperfeiçoará — nos fará melhor do que somos”.<sup>8</sup>

A riqueza, no entanto, o último dos pontos elencados por Sandlin que fundamentam a crença no intervencionismo econômico, é um tópico com relação ao qual os próprios cristãos frequentemente se equivocam. A Bíblia de fato afirma que “o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Timóteo 6.10), porém, como Sandlin ressalta, é o *amor do dinheiro*, e não o dinheiro em si, o problema.

E nesse ponto, curiosamente vemos hoje os extremos oriundos de interpretações equivocadas: a teologia da prosperidade, “uma caricatura do evangelho bíblico”, e a teologia da libertação (e variantes como a TMI), com o chavão de que Deus sempre demonstrou uma opção preferencial pelos pobres. À vista disso, o autor é enfático: “quando atacamos a riqueza e sua criação como tal (não sua perversão), opo-nos a uma parte crítica do plano do Senhor para expandir seu reino no mundo”.<sup>9</sup>

De fato, a pobreza é uma das consequências do pecado, o qual corrompeu a criação de Deus, que fora outrora ainda mais abundante. É por isso também que o trabalho, designado ao homem desde o princípio, tornou-se penoso, de modo que

---

7 P. 35.

8 P. 36.

9 P. 42.

sua subsistência está atrelada ao seu esforço (“o suor de seu rosto”). Ademais, se a salvação não se limita à regeneração, mas abrange também a concessão de dons ao eleito, de igual modo a redenção é não somente uma restauração do cosmo, mas também seu *enriquecimento*. É por isso que o livro de Apocalipse prevê que, à Nova Jerusalém, serão trazidas “a glória e honra das nações” (Apocalipse 21.26).

De semelhante modo, no segundo ensaio mencionado acima, Sandlin oferece uma sucinta análise econômica e teológica das origens da chamada “bolha imobiliária” do ano de 2008, nos Estados Unidos, cuja reverberação atingiu, como é óbvio, vários outros mercados. O que surpreende nessa análise é que ela não se detém em chavões piedosos e diagnósticos generalizados, conforme se dá frequentemente em comentários teológicos sobre a economia no meio reformado. Demonstrando como o pecado humano se manifesta concreta e visivelmente na economia, Sandlin fornece-nos um paradigma de piedade aplicada ao conhecimento técnico. Se, como a Bíblia afirma, dois pesos, duas medidas são abomináveis a Deus, segue-se que a fraude não somente chama para si o juízo de Deus sobre uma nação, mas também leva ao colapso toda a “sociedade da confiança” (Alain Peyrefitte), que é uma das bases do livre mercado. Nesse sentido, Sandlin explora os agentes e ações fraudulentos que culminaram numa crise, cujas repercussões não se restringiram ao âmbito econômico:

A fraude na crise de 2008 era palpável. E ela começou de cima. Você sabia que “foi o governo, e não Wall Street, quem primeiro securitizou os empréstimos modernos”? Foram duas organizações patrocinadas pelo governo, mais conhecidas como Fannie Mae e Freddie Mac, quem compraram hipotecas de bancos. Um custo que os bancos tiveram de assumir para livrar-se das hipotecas e obter

uma compensação completa delas foi imediatamente aderir aos padrões de empréstimos estabelecidos por Fannie e Freddie, o que significa padrões estabelecidos pelo governo federal. Uma vez que o banco central (bem como os principais partidos políticos) haviam concordado com “habitações a preços acessíveis” — uma categoria política, não de mercado —, os credores foram obrigados a relaxar seus padrões caso quisessem vender seus empréstimos para Fannie e Freddie. E por que eles não iriam querer? Diferente de quase todos os outros consumidores de empréstimo em larga escala, Fannie e Freddie estavam respaldados pela “plena fé e crédito” do governo federal. Os investidores adoravam Fannie e Freddie. Se houvesse inadimplências nas hipotecas, eles ainda receberiam seu dinheiro. Isso significa que os pagadores de impostos salvariam esses empréstimos. Agora você sabe por que Fannie e Freddie detinham — e detêm — a maior parte das hipotecas dos Estados Unidos. Os investidores querem a segurança garantida pelos pagadores de impostos. Uma vez que esse plano socialista está associado com a pressão política sobre essas agências patrocinadas pelo governo, a fraude é quase garantida. Os credores que queriam vender hipotecas para Fannie e Freddie eram obrigados a conceder empréstimos a pessoas que geralmente não podiam pagá-los. Isso, por sua vez, promoveu “financiamento criativo”, empréstimos de alto risco, empréstimos não quitados, empréstimo com altos juros e assim por diante.<sup>10</sup>

Fugindo, pois, às falsas e ingênuas dicotomias esquerdista e liberal que atribuem respectivamente toda a culpa das crises ao empresariado e às intervenções estatais, Sandlin retoma o conceito bíblico de que as origens da fraude, da avareza, da mesquinharia, dos abusos encontram-se no coração humano e no desejo de prosperidade à parte da benção divina.

---

<sup>10</sup> P. 74.

Com efeito, o livre mercado, que é o modo em conformidade às Escrituras para a ação econômica do homem, não existe separadamente das condições civilizacionais e éticas que o propiciaram, condições estas que se fundamentam num sistema de valores morais e sociais oriundos da cosmovisão cristã. Se abstraímos o livre mercado dessas circunstâncias e em seguida exaltarmos-lo de modo idólatra ao *status* de fonte última de benesses, então caímos no reducionismo econômico, no reino da inverdade.<sup>11</sup>

Já nos ensaios “Marxismo libertário” e “As pressuposições teológicas do esquerdismo político”, Sandlin apresenta, no primeiro deles, um breve panorama, seguido de análise teológica, acerca da revolução que sem dúvida moldou e estabeleceu grande parte do comportamento moral, cultural e principalmente sexual do mundo de hoje. De fato, as manifestações que tomaram as ruas de Paris em 1968, que retroalimentaram alguns posicionamentos filosóficos (em especial o pensamento de Sartre e Foucault) e foram o fruto imediato das ideias de Marcuse, marcaram todo o imaginário do Ocidente, atingindo mesmo países periféricos como o Brasil, com o maoísmo de um Godard, por exemplo. Nas palavras de Sandlin:

Eles se convenceram cada vez mais de que a revolução marxista-leninista era só o começo. Ela não foi longe o bastante. O marxismo não era suficientemente radical.

---

11 Jean-Marc Berthoud, num breve comentário sobre as consequências do afastamento das várias ciências em relação à lei divina, afirma que as teorias econômicas divergentes têm em comum a substituição da providência divina por um dos aspectos da economia: “Uma concepção da economia cada vez mais distante das normas éticas da lei divina – David Hume, Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Ludwig von Mises, John Maynard Keynes, Milton Friedman” (*O combate central da Reforma: a fé confessante*. Tradução Samara Geske. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 123).

Tinha de oprimir e mudar a cultura inteira. Tinha de mudar a maneira como as pessoas pensam, não apenas como compartilham seus bens. A economia fora só o começo. Esses jovens radicais começaram a acreditar que tinham a obrigação de defender os marginalizados da sociedade — gays, negros, mulheres, imigrantes e presidiários. Eles começaram a acreditar que a própria estrutura da sociedade ocidental, não apenas o aspecto econômico, era opressiva. Mudar a política não bastava; seria trocar um tirano por outro. Eles tinham de mudar a própria cultura.<sup>12</sup>

Ora, a cultura é tanto o resultado direto do domínio do homem sobre a criação, conforme designado por Deus, quanto um conjunto de princípios éticos, estéticos e religiosos que serve às gerações subsequentes como diretriz para diversas atividades humanas. Dessa maneira, a *transmutação* cultural pretendida pelos revolucionários do século XX significou não apenas uma ruptura do homem em relação à visão de domínio anteriormente exercido sobre o mundo, mas também a fomentação de uma nova mentalidade.

As sementes do caos sexual que tem sido atualmente promovido até mesmo entre as escolas foram lançadas nessa época propícia. A revolta contra a sexualidade em última instância é uma hostilidade para com a ordem divina. Segundo Rousas J. Rushdoony: “Para superar a imutabilidade da sexualidade, a rebelião dos anos 60 e 70 exaltava a ideia do unissex. A fim de subjugar a ordem de Deus, a juventude revolucionária, em suas vestimentas e cumprimento do cabelo, esforçou-se por obliterar as distinções sexuais”.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> P. 53.

<sup>13</sup> *Revolt Against Maturity*. Vallecito, CA: Ross House Books: 1987, p. 65-66.

Roger Kimball, por seu turno, em sua obra *The Long March: How the Cultural Revolution of the 1960s Changed America* [A longa marcha: como a revolução cultural dos anos 60 mudou a América] afirma que a cultura do mundo contemporâneo é, em grande parte, o efeito dessas profundas transformações irracionais:

Nós — o mundo industrializado, tecnologizado — jamais fomos tão ricos. E, todavia, numa medida extraordinária, nós, no Ocidente, continuamos a habitar no universo moral e cultural moldado pelos imperativos hedonistas e pelas ideias radicais dos anos 60. Culturalmente, moralmente, o mundo em que habitamos é um mundo-lixreira: viciados em sensação, cercados por toda parte pelo ruído cacofônico e entorpecente do rock, saturados com pornografia, escravos do mínimo denominador comum em tudo referente ao gosto, modos ou sensibilidade intelectual. Marwick estava certo: “A revolução cultural, em suma, teve consequências contínuas, ininterruptas e duradouras”.<sup>14</sup>

E é essa mixórdia de pressupostos pelagianos, anticristãos e humanistas que constituem a base do atual esquerdismo, segundo a análise de Andrew Sandlin. Se partirmos da crença de que a violência é resultado direto da desigualdade econômica ou do ambiente social circundante, segue-se que o caminho para a mudança de comportamento de criminosos e de contraventores é a *reeducação*, e não a regeneração. É assim que políticos estabelecem relações imorais com grupos terroristas, com ditadores e autocratas:

Os esquerdistas defendem incessantemente o diálogo e a diplomacia, mesmo com os ditadores mais sangrentos

---

<sup>14</sup> *The Long March: How the Cultural Revolution of the 1960s Changed America*. New York: Encounter Books, 2001, p. 261

e sedentos de poder como os líderes do ISIS e Vladimir Putin, presidente da Rússia. Esses líderes não são maus; estão apenas equivocados. Se nós, esquerdistas sensatos, pudermos tão somente sentar e conversar com eles, poderíamos persuadi-los de seus caminhos errôneos. É exatamente esse tipo de política estrangeira completamente ingênua que fomenta mais agressão e tirania.<sup>15</sup>

E aqui cabe uma aplicação às nossas atuais circunstâncias. Pois, no Brasil, particularmente, a capitulação de toda uma sociedade à violência e caprichos de um narcoestado é a consequência de um longo processo de erosão da moralidade cristã (e consequentemente da capacidade de formulação de juízos éticos) aliada a um conluio deliberado entre agentes políticos e criminosos. Num seu artigo intitulado “Bandidos & Letrados”, o filósofo Olavo de Carvalho resumidamente enumera os resultados dessa perspectiva *teológica* do progressismo em relação à criminalidade:

Humanizar a imagem do delinquente, deformar, caricaturar até os limites do grotesco e da animalidade o cidadão de classe média e alta, ou mesmo o homem pobre quando religioso e cumpridor dos seus deveres — que neste caso aparece como conformista desprezível e virtual traidor da classe —, eis o mandamento que uma parcela significativa dos nossos artistas tem seguido fielmente, e a que um exército de sociólogos, psicólogos e cientistas políticos dá discretamente, na retaguarda, um simulacro de respaldo “científico”.

À luz da “ética” daí resultante, não existe mal no mundo senão a “moral conservadora”. Que é um assalto, um estupro, um homicídio, perto da maldade satânica que se oculta no coração de um pai de família que, educando

---

15 P. 99.

## Prefácio

seus filhos no respeito à lei e à ordem, ajuda a manter o *status quo*? O banditismo é em suma, nessa cultura, ou o reflexo passivo e inocente de uma sociedade injusta, ou a expressão ativa de uma revolta popular fundamentalmente justa. [...] A conexão universalmente admitida entre intenção e culpa está revogada entre nós por um atavismo marxista erigido em lei: pelo critério “ético” da nossa intelectualidade, um homem é menos culpado pelos seus atos pessoais que pelos da classe a que pertence.<sup>16</sup>

Por fim, como apêndice ao presente livreto, temos o artigo “Cristianismo e capitalismo”, de Rousas J. Rushdoony, uma das grandes influências ao pensamento de Sandlin e nome que felizmente dispensa apresentações para aqueles que de fato se interessam por uma análise vigorosamente bíblica do pensamento político, econômico e histórico.

No texto em questão, Rushdoony defende que, sendo a lei o requisito para toda liberdade, logo a própria liberdade econômica só é possível por meio de sua fundamentação na vontade divina revelada. Disto, o teólogo procede com sua perspectiva de que a lei do amor, diferentemente da interpretação sentimentalista do humanismo e de algumas vertentes cristãs, é a base para a cooperação e concorrência numa sociedade de livre mercado. A ideia de que os homens estão em guerra absoluta, mais hobbesiana do que bíblica, não prevê a atuação da providência divina no mundo; e a perspectiva marxista, que anseia pela cooperação (ainda que coercitiva) de todos em prol do bem-estar coletivo, não leva em consideração, por sua vez, os juízos e recompensas que Deus anuncia em sua Palavra e que se estende a crentes e descrentes. Assim, segundo Rushdoony:

---

16 *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. 4. ed. São Paulo: Vide Editorial, 2014, p. 123-124.

Historicamente, a competição do mercado livre tem sido apenas possível onde uma cultura comum e uma fé comum levam indivíduos a cooperarem uns com os outros. Os homens competem por cooperação na confiança que outros respeitem a qualidade, e eles constantemente melhoram seus produtos e serviços para conseguir essa cooperação. A cooperação morre se a competição morrer, pois então a “tração”, compulsão e a força substituem as atividades livres e cooperativas do mercado.<sup>17</sup>

Portanto, contra o antinomianismo de nossos dias, que assola especialmente a igreja brasileira, Rushdoony nos conclama a novamente reestabelecermos o padrão do amor tanto em nossa vida individual quanto social: isto é, a obediência e cumprimento da lei divina (Romanos 13.10).

*Post Tenebras Lux*

— Dr. Fabrício Tavares de Moraes

Janeiro de 2018

---

<sup>17</sup> P. 114.

